


## A PRESENÇA DA MORTE COMO UM DESEJO DO EU LÍRICO NOS POEMAS “DISPERSÃO” E “FEMININA”, DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

*THE PRESENCE OF DEATH AS A DESIRE OF THE LYRICAL SELF IN THE POEMS  
“DISPERSÃO” AND “FEMININA”, BY MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO*


**Francisca Júlia da Silva Soares<sup>i</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-3383-9887>

**Vanalúcia Soares da Silveira<sup>ii</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-8659-0157>

**Jenicélia Duarte da Silva<sup>iii</sup>**

 <https://orcid.org/0009-0001-3988-9084>

**Resumo:** O presente trabalho observa a construção da morte e do desejo nos poemas “Dispersão” e “Feminina”, de Mário de Sá-Carneiro. A análise e interpretação tentam oferecer uma leitura crítica dos ângulos próprios à inquietação/obsessão do sujeito melancólico, tendo em vista as temáticas em questão. É possível observar como uma pulsão ambígua entre vida e morte é declarada nos poemas, assim como o uso de termos como recursos para a expressão de um eu lírico confuso, que está dividido entre seus desejos de vida e de morte. Para tanto, nos trâmites dessa disputa, vislumbraremos em pesquisas de cunho analítico em conformidade com os embasamentos dos princípios psicanalíticos freudianos em que se discorre sobre “Luto e Melancolia” (1917) e “O Mal-Estar na Civilização e outros Trabalhos” (1927-31). Em suma, depreendemos e perfizemos uma análise poética com base nas teorias psicanalíticas, na qual constatamos um sujeito além da vida e de si mesmo.

**Palavras-chave:** dispersão; feminina; morte; desejo; Mário de Sá-Carneiro.

**Abstract:** *This work observes the construction of death and desire in the poems “Dispersão” and “Feminina”, by Mário de Sá-Carneiro. The analysis and interpretation attempt to offer a critical reading of the angles specific to the lyrical subject's restlessness/obsession in view of the themes. It is possible to observe how an ambiguous drive between life and death is declared in the poems, as well as the use of terms as resources for the expression of a confused lyrical self, which is divided between its desires for life and death. To this end, in the course of this dispute, we will look at analytical research in accordance with the foundations of Freudian psychoanalytic principles in which he discusses “Mourning and Melancholy” (1917), “Civilization and Its Discontents and Other Works (1927-31). In short, we infer and complete a poetic analysis based on psychoanalytic theories, in which we see a to live beyond life and beyond himself.*

**Keywords:** *dispersion; feminine; death; desire; Mário de Sá-Carneiro.*

**DOI:** 10.22478/ufpb.2764-4251.2025.n2.76201

**Recebido em:** 08/09/2025

**Aprovado em:** 25/11/2025

---

<sup>i</sup> Mestranda em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5923664989248470>. E-mail: frjulias08@gmail.com

<sup>ii</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9037348488366834>. E-mail: vanalucia.silveira@ifpb.edu.br.

<sup>iii</sup> Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Campina Grande. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6115807270075492>. E-mail: duartejenicelia@gmail.com.



## 1 INTRODUÇÃO

Os simbolistas são caracterizados pela sua forma de manifestação literária e seus recursos específicos: revogam-se ao mundo exterior e despertam-se para as questões interiores, intentando-se para os possíveis resultados; assim são tipificadas as produções literárias de Mário de Sá-Carneiro. Nesse ínterim, de acordo com Paz (1982, p.15) “a poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de salvar o mundo. [...] exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro” (Paz, 1982, p. 15). Pode-se dizer que a poesia era como um artifício para Mário de Sá-Carneiro, a sua salvação, ainda que tenha cometido suicídio. Como afirma Ricardo Reis: “A obra imortal excede o autor da obra; E é menos dono dela/ Quem a fez do que o tempo em que perdura. Morremos a obra viva” (Reis, 2016, p. 114). Dessa forma, contesta-se nas manifestações literárias de Sá-Carneiro o seu próprio mundo, um mundo possível para seus desejos e anseios.

Mário de Sá-Carneiro empalidece com a inquietude e o estado mais tenebroso do ser humano: a melancolia, ou seja, a suspensão do interesse pelo mundo externo e a diminuição da autoestima, voltando-se, assim, apenas para o mundo interior e vivendo, então, um embate com seus próprios desejos e apreensões. Para Candido (2010, p. 39), “a sociedade como que destaca do seu meio um agrupamento detentor dos segredos técnicos, para realizar num dado setor as necessidades de todos” (Candido, 2010, p. 39), o que possibilita um olhar psicanalítico sobre a obra do Mário de Sá-Carneiro.

A sutileza da poesia de Mário Sá-Carneiro, por vezes, expressa um indício de morte, mas de suas vontades também, o que possibilita uma visão labiríntica, desencaixada, possível à quebra de limites, o que é ilustrado em seus poemas. Assim, trazer à luz os poemas “Dispersão” e “Feminina” é entendê-los como um belo exercício de observação da instabilidade, do movimento, do desvio, do eterno retorno. Ademais, os rumos dessa diegese fundamentam-se nas abordagens que indicam a literatura poética para compreender a vicissitude do eu lírico.

Com isso, o objetivo deste trabalho é analisar os poemas “Dispersão” e “Feminina”, do escritor e poeta modernista Mário de Sá-Carneiro, um precursor e mestre do Modernismo português. A nossa análise ocupar-se-á sobretudo do tema da morte e do desejo presentes em ambientes e circunstâncias especiais, pelos quais o eu lírico está rodeado. Nosso objetivo é também oferecer interpretações possíveis acerca do espaço conflitante e confuso que é a poesia



de Mário de Sá-Carneiro, a qual possibilita observar detalhes complexos e obscuros da mente humana.

Assim, ao observar esses recursos psicológicos em evidência, de modo subjetivo, precisamente em seus poemas, o presente trabalho pretende analisar como a morte e o desejo podem caminhar de mãos dadas, sendo a dispersão de um eu lírico que sofre e anseia, na mesma medida. Para tal empreitada, recorre-se à análise minuciosa dos poemas, bem como é necessário percorrer as teorias psicanalíticas postuladas por Sigmund Freud em respeito aos temas da morte, do desejo e de como o sujeito lida com esses aspectos.

## 2 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa teve como fundamentação a consulta dos estudos de Sigmund Freud para o eixo psicanalítico, através das obras “Luto e Melancolia” (1917) e “O Mal-Estar na Civilização e outros Trabalhos” (1927-31). Além disso, recorreu-se à teoria da Literatura embasada em Massaud Moisés. O referencial teórico serviu como base para articular as relações intrínsecas entre literatura e psicanálise, e acompanhar as questões que se desenrolam na escrita poética e apresentação do sujeito melancólico. A abordagem da pesquisa científica é classificada como qualitativa.

Quanto ao tipo de pesquisa, este estudo caracteriza-se como bibliográfico, pois foi desenvolvido a partir da leitura dos materiais das disciplinas de Literatura Portuguesa do curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande. Foram utilizados trabalhos impressos e on-line de diversos autores que fazem parte da produção científica sobre a literatura e sua relação com a psicanálise.

A metodologia aplicada no trabalho foi de análise de poemas, a qual envolveu uma abordagem interpretativa e crítica. Inicialmente, foi preciso realizar uma leitura atenta dos poemas melancólicos escritos por Mário de Sá-Carneiro, destacando elementos como a temática melancólica, a estrutura e a linguagem, que anunciam os desejos do sujeito. A análise observou e buscou identificar os significados implícitos e explícitos, considerando o contexto social em que a poesia de Mário de Sá-Carneiro está inserida.

Quanto aos aspectos literários, Massaud Moisés afirma que o simbolismo é antipositivista, antinaturalista e anticientificista. “Isto significa que, contrariando o caráter objetivista e realista dessas tendências, a poesia simbolista prega e busca efetuar o retorno à atitude do espírito assumida pelos românticos, e que se traduzia no seu egocentrismo” (Moisés,



2008, p. 209). Há um retorno às questões do eu, que se torna um aspecto de fundamental importância e contraria a ideia do “não-eu”. Porém, o individualismo simbolista possui suas características próprias, não apenas repetindo de modo puro o que já existia em outros períodos, como as questões egocêntricas já trabalhadas no romantismo. Assim, os simbolistas voltam-se para o que ocorre dentro de si de maneira mais obscura e profunda, buscando imprevisíveis resultados.

Dentro desse espaço, surge a poesia de Mário de Sá-Carneiro, que recria os modos de falar abertamente sobre os laços psíquicos que criam e formam o sujeito, bem como o apego às quedas psicológicas que podem ocorrer à vida humana. Para Mário de Sá-Carneiro, o sujeito poeta, isso ocorre desde o início da sua vida: natural de Lisboa, teve uma infância difícil e faltosa, passando a maior parte da sua vida em Paris. Dedicando-se à literatura, o afamado Mário de Sá-Carneiro foi um poeta português da geração do Orpheu; junto a Fernando Pessoa, seu grande amigo, organizaram e publicaram na revista as obscuridades do subconsciente, manifestadas nos desejos mais profundos e proibidos e na angústia existencial, sendo também responsável pela escrita e publicação de obras magníficas como “A confissão de Lúcio” (1914), a peça teatral “Amizade” (1912) e a poesia “Dispersão” (1912). Em sua maioria, havia indícios de como os traços melancólicos serviam como fonte inesgotável de trabalho poético. A morte surge de maneira latente e dominante da sua vida: no auge dos 26 anos, Mário de Sá-Carneiro se suicida, deixando uma vasta gama de presentes literários para todos os leitores, como também para seu amigo Fernando Pessoa, que escreveu sobre ele:

Gênio na arte, não teve Sá-Carneiro nem alegria nem felicidade na vida. Só a arte, que fez ou que sentiu, por instantes o turbou de consolação. São assim os que os Deuses fadaram seus. Nem o amor os quer, nem a esperança os busca, nem a glória os acolhe. Ou morrem jovens, ou a si mesmos sobrevivem, íncolas da incompreensão ou da indiferença. Este morreu jovem, porque os Deuses lhe tiveram muito amor (Pessoa apud Brandão, 2011, p. 67).

### 3 ANÁLISE LITERÁRIA

No intento de analisar o sofrimento melancólico, Freud publica “Luto e melancolia” (1917), que é declarada a “primeira tentativa psicológica de entendimento causal e de tratamento psicoterápico” (Cordás, 2002, p. 89) para esse afeto. Freud instaura em seu artigo o diagnóstico fundado nas observações sintomáticas do sofrimento psíquico de pacientes e as justificações de paradigmas de lesões orgânicas, quebrando as medidas medicinais aplicadas até então.



Ao receber pacientes com histeria para análise clínica, percebe as denúncias sintomáticas de um mal-estar construído no recalque sexual e desejos quebrados, não saciados. O interesse de Freud pelos aspectos psicológicos demonstrava sua preocupação com os fenômenos orgânicos e suas devidas lesões, como também com o envolvimento de vários elementos na formação do sofrimento psíquico. Os adoecimentos ocorrem desde problemas oriundos de práticas sexuais quanto resultantes de uma defesa em combate às lembranças infantis intoleráveis para a consciência, que causam dores absurdas e resultados lastimosos:

A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecriminações e auto insultos, chegando até a expectativa delirante de punição (Freud, 2013, p. 32).

Freud tece uma linha de raciocínio para explicar como o afeto correspondente à melancolia é o luto, o desejo de recuperar algo perdido. Essa perda pulsional da libido causa o que ele chama de “buraco na esfera psíquica”, algo que por si só não tem representações. Na psicanálise, a ideia de quantidade, excesso ou escassez perdura como motor propulsor dos estímulos e, por consequência, dos comportamentos humanos. Uma quantidade de energia psíquica (libido ou pulsão sexual) diante da perda de um objeto ideal amado culmina com a fabricação de um funcionamento patológico no aparelho psíquico, que resulta, por muitas vezes, em denúncias sublimes e veladas.

Em sua maior parte, as obras de Mário Sá-Carneiro abordam a temática da obsessão pela morte. Em seu primeiro livro de poemas, *Dispersão*, o autor junta doze poemas, entre os quais encontra-se o poema “Dispersão”, no qual é observada a percepção do eu lírico: é voltado para seu eu destrutivo. Freud (2016) explica que é possível presumir que o instinto de morte operava silenciosamente dentro do organismo, no sentido de sua destruição, mas isso, naturalmente, não constituía uma prova (Freud, 2016, p. 75), ou seja, uma parte do instinto humano realoca-se para o mundo externo e surge por via da agressividade e/ou destrutividade. O sujeito melancólico dos poemas manifesta-se como um eu que faz surgir o duplo, o “outro”, um sentimento de saudade de si mesmo.

As imagens da saudade e a presença incontável do desejo/anseio de morte trazem a ideia de pulsão do sujeito, que observa a vida com lástima e espera a morte como saída. Para a psicanálise, esse encanto com a morte como válvula de escape e medida de proteção total é explicado como um repouso que o sujeito pode buscar para enfrentar as dificuldades da vida,



como algo que o impulsiona, mesmo que para o fim da vida. Laplanche e Pontalis apontam a ideia pulsão de acordo com o que Freud já teorizava:

[...] o que Freud procura explicitamente destacar pela expressão “pulsão de morte” é o que há de mais fundamental na noção de pulsão, o retorno a um estado anterior e, em última análise, o retorno ao repouso absoluto do anorgânico. [...] É assim que em *Para além do Princípio de Prazer*, como o título por si mesmo indica, a pulsão de morte é postulada a partir de factos que se supõem pôr em xeque o dito princípio, mas ao mesmo tempo Freud pode concluir afirmando que “o princípio de prazer parece estar de fato ao serviço das pulsões de morte” (Laplanche; Pontalis, 1970, p. 535).

A apresentação breve dos estudos psicanalíticos possibilita reconhecer e observar como a ideia da morte pode ter uma medida de prazer para quem a anseia como um recurso que representa não somente dor ou sofrimento, mas um estado total de satisfação, criado em torno da fantasia que formula o alívio em deixar o sofrimento humano por meio da morte. Algo não somente desejado, mas que o eu lírico presente na poesia de Mário de Sá-Carneiro expressa e busca.

### 3.1 Análise poética do poema “Dispersão”

O poema “Dispersão” apresenta o subjetivismo decadentista que observa a fluidez entre o processo de lidar, ou não, com a melancolia, e a constante busca pela morte como a saída final. O poema homônimo apresenta a experiência das extremidades: morte e dispersão total. Construído em primeira pessoa, possuindo versos heptassílabos, com rimas, sendo elas construídas intercaladas ou cruzadas, o poema possui vinte e três estrofes. Essa atividade de alternância da rima e aspectos nasais em alguns versos permite enxergar a imagem labiríntica, que pode ser compreendida como o eu lírico que sente-se perdido. O sujeito volta-se para seu interior, internalizando os acontecimentos ao seu redor, dividindo-se e se tornando dois em um, possuindo um desconhecimento mútuo. Como resultado, surge a necessidade ou o desejo ambíguo de procura constante, mesmo tendo conhecimento da ideia de estar perdido completamente. O sujeito, representando um “ser-labirinto”, não consegue encontrar a saída como Ariadne, fatores que podem ser observados na primeira estrofe, cuja estrutura pode servir como a introdução da base do poema e para compreendê-lo.

#### DISPERSÃO

Perdi-me dentro de mim  
Porque eu era labirinto,



E hoje, quando me sinto,  
É com saudades de mim.  
(Sá-Carneiro, 1995, p. 62)

Na primeira estrofe, o eu lírico relata como possui um sentimento de não pertencimento, surgindo o questionamento: quem é que pode se sentir perdido? Geralmente, o sentimento de estar vago em relação a algo surge com a insatisfação, quando não é possível realizar os desejos. Dessa forma, nota-se um eu lírico perdido em seu próprio labirinto dos desejos:

Passei pela minha vida  
Um astro doido a sonhar.  
Na ânsia de ultrapassar,  
Nem dei pela minha vida...

Para mim é sempre ontem,  
Não tenho amanhã nem hoje:  
O tempo que aos outros foge  
Cai sobre mim feito ontem.  
(Sá-Carneiro, 1995, p. 62)

Nas duas próximas estrofes, a ideia de perdição e achamento apresenta a ansiedade em sair do isolamento, porém, a saída é a abertura no poema: a ideia de morte. O sujeito melancólico prossegue com a sua viagem interior na procura de sentido, de se integrar a algo ou a alguém, de sensações desconexas e vagas. A relação temporal é construída na caminhada para o fim, fabricada no tempo passado. A reflexão gira em torno do tempo desperdiçado, tempo de vida que sempre esteve à procura de algo que, diante do sujeito, parece resistente e nunca alcançado: o contentamento em viver na investigação de prazeres, a análise do cotidiano e da felicidade de outrem:

(O Domingo de Paris  
Lembra-me o desaparecido  
Que sentia comovido  
Os Domingos de Paris:

Porque um domingo é família,  
É bem-estar, é singeleza,  
E os que olham a beleza  
Não têm bem-estar nem família).  
(Sá-Carneiro, 1995, p. 62).

A observação da rotina externa não constrói um sentido para o eu lírico, pois o mesmo nunca de fato conseguiu vivenciar aquela situação, então ela é algo à parte para ele, como “O Domingo de Paris”, atrelado à mesmice familiar em contradição ao traço poético de olhar

aquela beleza. Nessa estrofe, a ausência de lar e laço familiar transparece um desejo de algo não experimentado, o ser e conviver em família:

O pobre moço das ânsias...  
Tu, sim, tu eras alguém!  
E foi por isso também  
Que te abismaste nas ânsias.

A grande ave dourada  
Bateu asas para os céus,  
Mas fechou-as saciada  
Ao ver que ganhava os céus.

Como se chora um amante,  
Assim me choro a mim mesmo:  
Eu fui amante inconstante  
Que se traía a si mesmo.

Não sinto o espaço que encerro  
Nem as linhas que projecto:  
Se me olho a um espelho, erro –  
Não me acho no que projecto.  
(Sá-Carneiro, 1995, p. 62)

Nessas estrofes, existe a reflexão sobre o “ser” que foi sendo compreendido como o “pobre moço das ânsias”; o sonhador que é representado pela grande ave dourada tinha como objetivo voar sempre mais alto, como também é enfadado: “Mas fechou-as saciada / ao ver que ganhava os céus”, na inutilidade de amar e no que impede de receber e buscar amor, tratando como um amante instável “traidor de si mesmo”. A ideia do presente se apresenta na atemporalidade e remete à falta de espaço: “Não sinto o espaço que encerro”. A ausência de reconhecimento da própria identidade diante do que é refletido no espelho ocasiona os elementos melancólicos e revela como esse estado de melancolia acarreta o desânimo e a apatia; o sujeito melancólico identifica o seu duplo perdido, uma alma cindida do corpo:

Regresso dentro de mim,  
Mas nada me fala, nada!  
Tenho a alma amortalhada,  
Sequinha, dentro de mim.  
(Sá-Carneiro, 1995, p. 62)

O eu lírico ainda justifica a sua ausência e o sofrimento da perda, observando esta última como involuntária:

Não perdi a minha alma,

Fiquei com ela, perdida.  
Assim eu choro, da vida,

A morte da minha alma.

Saudosamente recordo  
Uma gentil companheira  
Que na minha vida inteira  
Eu nunca vi... Mas recordo

A sua boca doirada  
E o seu corpo esmaecido,  
Em um hálito perdido  
Que vem na tarde doirada.  
(Sá-Carneiro, 1995, p. 63)

O eu lírico esclarece as razões de sua solidão, representando a alma e a ausência de “gentil companheira”, que é caracterizada como invisível, sendo descrita com a “boca doirada”, o “corpo esmaecido” e o “hálito perdido”. Uma alma-mulher que possui quebras, rompimentos, como ele, porém, habitual: “Que vem da tarde doirada” (v. 52).

O eu lírico anseia por tudo aquilo, mesmo não possuindo ou tendo vivenciado:

(As minhas grandes saudades  
São do que nunca enlacei.  
Ai, como eu tenho saudades  
Dos sonhos que não sonhei!...)  
(Sá-Carneiro, 1995, p. 63)

Sozinho, com saudades e sem sua alma, aparece no poema o sentimento/desejo de morte como um caminho para a “dispersão total”, ou seja, a única maneira realizável para o sujeito melancólico. E quem? anseia pela liberdade proposta na morte “lá longe”, em outro espaço (Capital – ao norte). A morte é observada como algo fantástico, com certo aspecto melancólico, mas sem drama ou dor:

E sinto que a minha morte –  
Minha dispersão total –  
Existe lá longe, ao norte,  
Numa grande capital.

Vejo o meu último dia  
Pintado em rolos de fumo,  
E todo azul-de-agonia  
Em sombra e além me sumo.

Ternura feita saudade,  
Eu beijo as minhas mãos brancas...  
Sou amor e piedade  
Em face dessas mãos brancas...  
(Sá-Carneiro, 1995, p. 63)

O eu lírico ressalta a saudade de si mesmo, repetidamente das mãos brancas, “Tristes mãos longas e lindas”, que nem foram e nem aprenderam a tocar, viveram sem percepção. A vitimização, apresentando o terceiro movimento do poema, é também expressa:

Tristes mãos longas e lindas  
 Que eram feitas pra se dar...  
 Ninguém mas quis apertar...  
 Tristes mãos longas e lindas...  
 (Sá-Carneiro, 1995, p. 63)

Há a ocorrência, ainda, da expressividade em conformidade pela morte, como um objeto de desejo; um alcance ansioso é criado pelo resultado dela. A alma crepuscular, com a alma perdida diante dos sonhos inalcançáveis, é dormente, pois projetou nos sonhos uma espécie de idealização em que o sujeito melancólico conclui ser o espaço em que ainda seja possível experimentar algo:

E tenho pênha de mim,  
 Pobre menino ideal...  
 Que me faltou afinal?  
 Um elo? Um rastro?... Ai de mim!...

Desceu-me nalma o crepusculo;  
 Eu fui alguém que passou.  
 Serei, mas já não me sou;  
 Não vivo, durmo o crepúsculo.

Alcool dum sono outonal  
 Me penetrou vagamente  
 A difundir-me dormente  
 Em uma bruma outonal.  
 Perdi a morte e a vida,  
 E, louco, não enlouqueço...

A hora foge vivida,  
 Eu sigo-a, mas permaneço...

.....  
 .....  
 Castelos desmantelados,  
 Leões alados sem juba...

.....  
 .....  
 (Sá-Carneiro, 1995, p. 63)

A expressividade do devaneio poético vai se dissipando, o que está configurado nos sonhos surge nas expressões “castelos desmantelados” (sonhos destruídos), referindo-se a “fazer castelos no ar”. A projeção inerente surge de “leões alados sem juba”, em terra, mas

alados com um poder de voar, porém, sem seu maior aspecto, a beleza destroçada, que é a sua juba, o que dá sentido à beleza do animal.

O sujeito melancólico estabelece pontos cruciais que personificam uma atitude poética: desinteresse pela vida juntamente com um anseio de transcendência, observando a morte como método fundamental ao exercício literário. O verso inicial afirma e justifica a base introduzida no início do poema, criando a ideia de reconhecer os compartimentos do labirinto, que provocam angústia, desânimo e traços melancólicos.

A ideia de morte vai sendo construída como um enigma que o sujeito melancólico traça e deseja, pois, no poema, a morte surge como uma realização que causa prazer e satisfação. Como explica Sigmund Freud (2013, p. 34), o melancólico nos mostra ainda algo que falta no luto: um rebaixamento extraordinário do seu sentimento de autoestima, um enorme empobrecimento do ego. No luto é o mundo que se tornou pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego (Freud, 2013, p. 34). As portas do labirinto formulam a relação temporal formada pelo “eu” lírico: ontem, hoje, amanhã. Ele é cindido e multiplicado, à medida que o “eu” faz suas observações e digressões. O eu poético visibiliza na morte uma solução e uma revelação para satisfazer seu ego adoecido e uma alma perdida.

### 3.2 Análise do poema “Feminina”

O desejo é animado pela busca do que nos falta e o que nos move na vida. Dessa forma, o sujeito busca incessantemente satisfazer os seus desejos, entretanto, pode-se não suportar a série de comportamentos que a sociedade lhe impõe e isso afeta o meio cultural, o modo de agir e pensar das pessoas e, principalmente, toda a sua história, além de despertar um estado melancólico no indivíduo, como afirma Freud em “Mal-estar na civilização”:

— nosso sofrimento provém de três fontes: o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade (Freud, 1996, p. 48).

Diante dessa perspectiva freudiana, depara-se com a poesia “Feminina” de Mário de Sá-Carneiro, a qual revela a melancolia do sujeito que não se ajustou às regras dos relacionamentos, da sociedade, o qual recorre ao universo poético para ser aquilo que não pode, ou seja, “Feminina”:

**Feminina**

Eu queria ser mulher pra me poder estender  
 Ao lado dos meus amigos, nas banquettes dos cafés.  
 Eu queria ser mulher para poder estender  
 Pó de arroz pelo meu rosto, diante de todos, nos cafés.

Eu queria ser mulher pra não ter que pensar na vida  
 E conhecer muitos velhos a quem pedisse dinheiro -  
 Eu queria ser mulher para passar o dia inteiro  
 A falar de modas e a fazer «potins» - muito entretida.

Eu queria ser mulher para mexer nos meus seios  
 E aguçá-los ao espelho, antes de me deitar -  
 Eu queria ser mulher pra que me fossem bem estes enleios,  
 Que num homem, francamente, não se podem desculpar.

Eu queria ser mulher para ter muitos amantes  
 E enganá-los a todos - mesmo ao predilecto -  
 Como eu gostava de enganar o meu amante loiro, o mais esbelto,  
 Com um rapaz gordo e feio, de modos extravagantes...

Eu queria ser mulher para excitar quem me olhasse,  
 Eu queria ser mulher pra me poder recusar...  
 (Sá-Carneiro, 2015, p. 119)

Inicialmente, o próprio título, ousado e estratégico, prenuncia a temática geral abordada no poema, uma crise de identidade e o desejo latente, no qual pode-se notar o jogo verbal (QUERIA/QUERO= PODER) utilizado pelo poeta. Assim, o verbo PODER aparece apenas três vezes, mas o verbo está implicitamente em todo poema, pois o eu lírico deseja ser incessantemente para só assim poder. Nas primeiras estrofes, o eu lírico descreve uma mulher socializada e vaidosa:

Eu queria ser mulher pra me poder estender  
 Ao lado dos meus amigos, nas banquettes dos cafés.  
 Eu queria ser mulher para poder estender  
 Pó de arroz pelo meu rosto, diante de todos, nos cafés.  
 (Sá-Carneiro, 2015, p. 119)

No terceiro, quarto e quinto versos, nota-se certo teor erótico: “eu queria ser mulher pra que me fossem bem estes enleios,/Que num homem, francamente, não se podem desculpar”, como se o jeito do eu-lírico se identificasse e se reconhecesse com tais aspectos femininos, mas sem poder ser, revela-se. No primeiro verso do quarteto (“Eu queria ser mulher para ter muitos amantes”), nota-se o desejo do eu lírico de ser amado e amar. Além disso, o desejo de ser atraente, ao afirmar: “Eu queria ser mulher para poder excitar quem me olhasse”; ademais, “Eu queria ser mulher pra me poder recusar...”. Tal verso tange aspectos socioculturais, nos quais o homem “não pode” rejeitar sexualmente uma mulher diante de



uma cultura predominantemente machista da época. Isso revela, nesse contexto do poema, um certo “poder” particular do “feminino”.

Nas estrofes seguintes, o eu lírico continua descrevendo essa mulher vaidosa, de passado sigiloso, que “usa pulseira duvidosa”, “anéis de jade e enganos”. “dissoluta, a perigosa”, essas são expressões utilizadas pelo poeta para minuciar o ser feminino:

Ah, que te esquecesses sempre das horas  
Polindo as unhas -  
A impaciente das morbidezas louras  
Enquanto ao espelho te compunhas...

A da pulseira duvidosa  
A dos anéis de jade e enganos -  
A dissoluta, a perigosa  
A desvirgada aos sete anos...

O teu passado, sigilo morto,  
Tu própria quasi o olvidaras —  
Em névoa absorto  
Tão espessamente o enredaras.

A vagas horas, no entretanto,  
Certo sorriso te assomaria  
Que em vez de encanto,  
Medo faria.  
(Sá-Carneiro, 2015, p. 120)

Nota-se ainda as expressões próprias do melancolismo como espelho para expressar o sentimento de perda do sujeito. Percebe-se que o eu lírico descreve uma característica bem contemporânea da mulher atual: um ser feminino que é “duvidosa”, que “engana” e que é “perigosa”, a qual causa medo ao afirmar: “Medo faria”. Pode-se dizer que o “irritantíssimo” está relacionado não só com o desejo de ser feminina como também causaria um certo estranhamento e medo de assumir seus próprios desejos diante da sociedade da época, o que implica que seria “irritantíssimo” se adequar aos padrões sociais, algo que Freud (2013, p. 46) explica:

Agora a análise da melancolia nos ensina que o ego só pode matar a si próprio se puder, por meio do retorno do investimento de objeto, tratar-se como um objeto, se puder dirigir contra si a hostilidade que vale para o objeto e que representa a reação primordial do ego contra os objetos do mundo externo.

De modo geral, o poema aborda um sujeito masculino que deseja ser feminino, resultando em uma crise de identidade. Desse modo, a regressão à escolha de objeto, quando suprimida, torna o sujeito vítima do estado melancólico, em que o sentimento de perda é

maior que ele mesmo. Entretanto, essa ambivalência define uma mulher ao longo do poema com direitos e poderes majoritariamente masculinos, do homem do mundo androcêntrico, da sociedade patriarcal.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freud (2010, p. 45) explica que “o homem se torna neurótico porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe, em prol de seus ideais culturais” (Freud, 2010, p. 45). Para que exista um convívio humano, é necessário o estabelecimento de normas e leis; contudo, as repreensões tornaram-se tão fortes, que os caminhos para a infelicidade são mais claros que o da felicidade. “Concluiu-se então que, se estas exigências fossem abolidas ou bem atenuadas, isto significaria um retorno a possibilidades de felicidade” (Freud, 2010, p. 45).

Assim, a melancolia apresentada e destacada na biografia e escrita literária de Mário de Sá-Carneiro é atributo de uma mente que busca alívio pelo meio literário, compondo belíssimas obras que inovam o modo como a literatura se reveste. Apesar de muitos estudos voltarem-se para a comparação entre a vida particular do poeta e os seus escritos poéticos, o presente trabalho tinha por objetivo analisar os comportamentos melancólicos, como também os respectivos resultados na poesia de Mário de Sá-Carneiro.

#### REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Antonia Marisa Rodrigues. O mito na novela *A Confissão de Lúcio*, de Mário de Sá-Carneiro: uma leitura analógica. *Revista Ângulo*, n. 125, 2011, p. 64-69. Disponível em: <http://publicacoes.fatea.br/index.php/angulo/article/viewFile/796/559>. Acesso em: 10 de jul. 2024.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8ª ed. São Paulo: Queroz, 2010.
- CARNEIRO, Mário de Sá. *A confissão de Lúcio*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1991.
- CARNEIRO, Mário de Sá. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- CARNEIRO, Mário de Sá (1890-1916). *Mário de Sá-Carneiro: Antologia*. Org. Cleonice Berardinelli. Rio Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.



FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FREUD, Sigmund. *O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-31)*. In ESB, Obras Psicológicas Completas. Vol XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 2008.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. 33 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Trad. Olga Savary. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PESSOA, Fernando. *Fernando Pessoa: Antologia poética*. Org. Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Bazar de Tempo, 2016.

SARAIVA, Ana Claudia Borges. *As representações do feminino e do masculino na poesia de Mário de Sá-Carneiro: permanências e subversões*, 2017, 110 f, Tese (Mestrado e Doutorado em História da Literatura) Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017.

